

d

e AGENCIAMENTOS
PROGRAMÁTICOS OUTROS NA
METRÓPOLE: UMA ABORDAGEM
“MAQUÍNICA” DOS PROCESSOS DE
RETERRITORIALIZAÇÃO URBANA

RESUMO

E se a força do objeto arquitetônico estivesse concentrada nas estratégias programáticas e espaciais engendradas a serviço de “habitabilidades” e sociabilidades por vir, e não na construção de “monumemorializantes” *gadgets* arquitetônicos?

A partir do *phylum* “maquínico” deleuziano [do filósofo Gilles Deleuze] e de conceitos associados a ele, como “Liame” e “Agenciamento”; da abordagem lacaniana [do psicanalista Jacques Lacan] do conceito de *gadget*; e do conceito derridiano [do filósofo Jacques Derrida] de “Suplemento”, tratar-se-á de um deslocamento dos sentidos e representações mais correntes dos projetos urbanos arquitetônicos contemporâneos, historicamente associados à notável (e o desejo de ser notado) materialização formal-compositiva do objeto artístico, a serviço de sociabilidades programadas, em direção a uma conceituação outra.

A construção de suportes arquitetônicos, a partir de residuais (para Deleuze, a possibilidade da produção de desejos outros, distantes da lógica capitalista dominante, está no resíduo, nos fluxos residuais produzidos pelo próprio capital) “agenciamentos” programáticos e espaciais, surge como uma via de crítica ao imperativo categórico da lógica global generalizante. Uma lógica baseada em paisagens a-territoriais, concentrada em investimentos no ótico compositivo, e intencionais aprisionamentos espaciais e programáticos em fórmulas familiares oriundas de um pensamento “prêt-à-utiliser”, domesticado e normatizado.

Pensar agenciamentos espaciais e programáticos outros em Arquitetura, provenientes de resíduos e fluxos que, ao mesmo tempo, nascem e escapam à lógica global, é apostar na chance do acontecimento de sociabilidades não programadas. Pensar não mais apenas a Arquitetura como um objeto formal em sua dimensão artístico-paradigmática seria, então, concebê-la como uma máquina sintagmática urbana de potência [des]estruturante, a partir de agenciamentos programáticos e espaciais des e reterritorializantes

PALAVRAS-CHAVE

Máquinas residuais, genciamentos programáticos, adgets arquitetônicos, fluxos esquizos, liames imprevistos.

DE AGENCIAMIENTOS PROGRAMÁTICOS
OTROS EN LA METRÓPOLI: UN ABORDAJE
“MAQUÍNICO” DE LOS PROCESOS DE LA
RETERRITORIALIZACIÓN URBANA

RESUMEN

¿Y si la fuerza del objeto arquitectónico estuviera concentrada en las estrategias programáticas y espaciales engendradas al servicio de “habitabilidades” y sociabilidades por venir, y no en la construcción de “monumemorializantes” *gadgets* arquitectónicos?

Desde el *phylum* “maquínico” deleuziano [del filósofo Gilles Deleuze] y de conceptos asociados a él, como “Vínculo” y “Agenciamiento”; el abordaje lacaniano [del psicoanalista Jacques Lacan] del concepto de *gadget*; y el concepto derridiano [del filósofo Jacques Derrida] de “Suplemento”, se tratará de un desplazamiento de los sentidos y representaciones más corrientes de los proyectos urbanos arquitectónicos contemporáneos, históricamente asociados a la notable (y al deseo de ser notado) materialización formal y de composición del objeto artístico, al servicio de sociabilidades programadas, en dirección a una otra conceptualización.

La construcción de soportes arquitectónicos, desde los residuales (para Deleuze, la posibilidad de producción de otros deseos, lejanos de la lógica capitalista dominante, está en el residuo, en los flujos residuales producidos por el propio capital) “agenciamientos” programáticos y espaciales, surge como una vía de crítica al imperativo categórico de la lógica global generalizante. Una lógica basada en paisajes a-territoriales, concentrada en inversiones en el óptico compositivo, e intencionales aprisionamientos espaciales y programáticos en fórmulas familiares originadas de un pensamiento “prêt-à-utiliser”, domesticado y estandarizado.

Pensar agenciamientos espaciales y programáticos otros en Arquitectura, originados de residuos y flujos que, al mismo tiempo, nacen y huyen a la lógica global, es apostar en el chance de un acontecimiento de sociabilidades no programadas. Pensar la Arquitectura no más tan solo como un objeto formal en su dimensión artística-paradigmática sería, por lo tanto, concebirla como una máquina sintagmática urbana de potencia [des]estructurante desde agenciamientos programáticos y espaciales de des- y re-territorialización.

PALABRAS CLAVE

Máquinas residuales, agenciamientos programáticos, gadgets arquitectónicos, flujos esquizos, vínculos imprevistos.

OTHER PROGRAMMATIC AGENCIES IN THE
METROPOLIS: A MACHINIC APPROACH TO
URBAN RETERRITORIALIZATION
PROCESSES

ABSTRACT

What if the strength of the architectural object were associated with program and spatial strategies engendered at the service of “habitability” and future sociabilities rather than with the building of monumental architectural gadgets and optical events in the landscape?

Based on the Deleuzian (from the philosopher Gilles Deleuze) machinic phylum as well as concepts associated with it such as “bonding” and “agency,” using the Lacanian approach (from the psychiatrist Jacques Lacan) to the gadget concept and the Derridian concept (from the philosopher Jacques Derrida) of “supplement,” this article discusses a shift of the most current senses and representations of contemporary urban architectural design historically associated with the notable (meaning the wish to be noticed) formal and composite materialization of the artistic object at the service of programmed sociabilities towards another conceptualization.

The building of architectural supports from residual (according to Deleuze, the possibility of producing other wishes, far from the dominant capitalist logic, lies in residues in the residual flows produced by the capital itself) programmatic and spatial agencies emerges as a critical path to the categorical imperative of the generalizing global logic. It is a logic based on non-territorial landscapes and centered on investments in the composite view and intentional spatial and programmatic imprisonments in familiar formulae originating from domesticated and standardized *prêt-à-utiliser* thinking. To think about other architectural spatial and programmatic agencies originating from residues and flows that simultaneously rise from and escape the global logic is to bet on the chance of non-programmed sociabilities taking place. Ceasing to think about architecture as a formal object in its artistic and paradigmatic dimension would mean to conceive it as an urban syntagmatic machine of [de]constructive power based on de-territorializing and re-territorializing programmatic and spatial agencies.

KEY WORDS

Residual machines, programmatic assemblages, architectural gadgets, schizo flows, unexpected articulation.

INTRODUÇÃO

Para Gilles Deleuze, existe um *phylum maquínico* que percorre toda a história da humanidade, e, claro, do *socius* urbano. Esse mundo maquínico seria um devir, uma evolução da ferramenta à máquina, condição para a instituição de um processo baseado em incessantes e intermináveis movimentos des e reterritorializantes, ou movimentos de deslocamentos, perdas, subtrações e, ao mesmo tempo, novas alianças (associações desierarquizadas) e, sobretudo, filiações (estrutura hierarquizante com limites impostos, moldada pela máquina capitalista).

A partir de Deleuze, podemos dizer que a história do *socius* se confunde com um processo incessante de descodificações e recodificações de máquinas, cortes e agenciamentos de novos fluxos desejan-tes-produtivos, fabricados e espontâneos, produzidos pela máquina dominante capitalista, ao mesmo tempo em que possibilitam lógicas imprevistas, justamente por serem descodificados, a-territoriais, não pertencentes a situações específicas, tendendo sempre a uma desejável autonomia, o mais livre possível de entraves e vínculos produtivos.

Se a ferramenta pode ser considerada um prolongamento e projeção do ser vivo, conforme Deleuze, a operação pela qual o homem se desprende progressivamente seria a “evolução” da ferramenta à máquina, uma operação subversiva, “*que faz com que a máquina (ou os processos) se torne cada vez mais independente do homem*” (2010, p. 510). Inevitável e de forma ambivalente, essa separação entre máquina e homem torna os fluxos produzidos estratégica e ameaçadoramente livres.

Porém, para Deleuze, este esquema traz alguns inconvenientes, por ser apenas

um esquema biológico e evolutivo que determina a máquina como algo que sobrevém a tal momento numa linhagem mecânica que começa com a ferramenta. É humanista e abstrato, isola as forças produtivas das condições sociais do seu exercício, invoca uma dimensão homem-natureza comum a todas as formas sociais, a que são atribuídas, assim, relações de evolução.

Ainda segundo Deleuze,

é preciso estabelecer desde o início a diferença de natureza entre a ferramenta e a máquina: uma como agente de contato, a outra como agente de comunicação; uma como projetiva, a outra como recorrente, uma operando por síntese funcional de um todo, a outra por distinção real num conjunto [...]. Uma mesma coisa pode ser ferramenta ou máquina, conforme o phylum maquínico se apodere dela ou não, passe ou não por ela [...]. Acreditamos também que há sempre máquinas que precedem as ferramentas, que há sempre phylums que determinam num dado momento que ferramentas, que homens entram como peças de máquina no sistema social considerado. (2010, p. 510-511)

¹ Deleuze, Derrida e a geração pertencente ao pós-estruturalismo francês sempre acreditaram em uma estratégia de cortes, perturbações e deslocamentos das estruturas e sentidos dados – condição fundamental para um porvir não anunciado -, ao invés do discutível gesto de substituição de uma estrutura por outra, o que não deixaria de ser uma imposição.

As máquinas produzidas pela máquina dominante capitalista são uma associação entre ferramentas e homens, tornados independentes, mas reunidos em novas máquinas cujos fluxos produtivos são autônomos, globais, ilimitados, justamente por serem uma reunião de ferramentas e homens não interdependentes.

Histórica ferramenta de habitabilidade urbana e também peça indissociável da máquina social e técnica, qual a condição da arquitetura urbana na constituição das máquinas territoriais de hoje?

A filosofia de Deleuze se desenvolve a partir de um raciocínio maquínico: máquina social, máquina técnica, máquina territorial, “megamáquinas”, em constante processo de transformação, em função dos diferentes regimes do *socius* ao longo da história. Diz ele:

[...] a máquina territorial é a primeira forma de socius, a máquina de inscrição primitiva, megamáquina que cobre um campo social. Ela não se confunde com as máquinas técnicas. Sob suas formas mais simples, ditas manuais, a máquina técnica já implica um elemento não humano, atuante, transmissor ou mesmo motor, que prolonga a força do homem e lhe permite uma certa liberação. A máquina social, ao contrário, tem os homens como peças (ainda que os consideremos com suas máquinas) e os integra, interioriza-os num modelo institucional que abrange todos os níveis da ação, da transmissão e da motricidade. E ela também forma uma memória sem a qual não haveria sinergia entre o homem e suas máquinas técnicas. (2010, p. 187).

Segundo Deleuze, foi o capitalismo o regime responsável pelo desmantelamento das grandes máquinas sociais precedentes, ao instituir uma produção técnica semiautônoma, o encontro da produção mercantil com a propriedade privada, além do encontro das riquezas conversíveis com um fluxo de trabalhadores possuidores apenas de sua força de trabalho, “*duas formas bem distintas de desterritorialização*” (2010, p. 186), ou seja, fenômenos aleatórios não dependentes ou complementares, mas que se encadeiam e passam a constituir uma nova máquina. O interessante é que, no raciocínio deleuziano, a máquina capitalista é paradoxal. Ao mesmo tempo em que se formou através de associações e encadeamentos díspares, não complementares, sempre procura evitar sua produção. Afinal, associações aleatórias e díspares são responsáveis por acontecimentos imprevistos, por isso, incontroláveis quanto aos seus desdobramentos e porvir. A possibilidade de deslocamentos subversivos¹, então, estaria ligada ao investimento e fortalecimento dos fluxos esquizos, e inesperadas articulações.

Por semiautonomia podemos entender cortes, descodificações e disjunções entre as máquinas associadas, e uma certa independência em relação às especificidades do lugar, da terra. Interdependências dão lugar a descodificações e à possibilidade do surgimento de outros fluxos, que escapam às determinações dos códigos de um *socius* pré-capitalista ou da máquina territorial primitiva, ou, de maneira mais genérica, à desestabilização de um *socius* e de sua lógica territorial [desterritorializante], abrindo a possibilidade do surgimento de arranjos outros [reterritorializações]. Entendem-se os receios e temores de tal processo.

Deleuze, seguindo Marx, diz que o *socius* capitalista, o corpo pleno,

[...] que pode ser o corpo da terra, o corpo despótico, ou o capital [...], forma uma superfície na qual toda a produção se registra e parece emanar da superfície de registro [...]. Esse corpo pleno do capital seria o 'corpo sem órgãos' do capitalista, superfície de registro do processo e produção da mais-valia relativa. (2010, p. 22-23)

A produção de fluxos livres de entraves, desimpedidos, a partir de um corpo social montado segundo a lógica capitalista, seria a razão de ser e a própria ameaça dessa lógica. Fluxos dominantes inevitavelmente “produzem” fluxos residuais. Mas não há como a máquina capitalista prescindir do risco dessa liberação; afinal, a abertura para novos mercados, o incremento da produção dependem dessa liberação.

Os esquizofrênicos fluxos da máquina capitalista seriam sua condição de existência e reprodução e sua constante ameaça, por isso, esquizos. A ameaça residiria na imprevisível formação de máquinas desejantes a partir desses libertos fluxos; máquinas produtoras de desejos não controlados, coordenados ou normatizados pela máquina dominante.

Na visão deleuziana, há um caráter inevitavelmente ambivalente em todos os investimentos capitalistas na produção do desejo. Ao mesmo tempo em que existe a institucionalização do desejo por dispositivos de regulagem dos fluxos que o produzem, há sempre o risco da manifestação de desejos que escapam a esse controle. Suportes arquitetônicos não oficiais [não forjados pelos aparelhos do Estado ou pelo mercado], mas advindos dos próprios fluxos oficiais, poderiam servir de base de registro e emanação de imprevisíveis e residuais fluxos?

DAS MÁQUINAS DESEJANTES

As “máquinas desejantes”, expressão recorrente nos trabalhos de Deleuze e Guattari, estão por toda parte. São elas as responsáveis pela constituição de um corpo pleno ou um platô de intensidade, onde os fluxos são engendrados e movimentam a máquina. Conceito que expressa o encontro aleatório de homens e ferramentas, peças fundamentais para o movimento da máquina, representam a fase do liame necessário entre “peças” para que o corpo funcione.

Conceito abstrato, sem cor ideológica, pode ser aplicado tanto ao capital, como uma máquina desejante capitalista, como às sobras/resíduos produzidos por essa mesma máquina, algo como máquinas desejantes marginais. Os fluxos esquizos das máquinas desejantes “oficiais”, do poder², produzem resíduos que, articulados, associados (o poder do liame), também podem se transformar em máquinas desejantes transgressoras, ou de enunciação, germinação, de outras forças ou formações sociais não mapeadas ou normalizadas pela máquina oficial.

Os novos fluxos desejantes, advindos das articulações entre homens e ferramentas diversas e aleatórias, e a consequente formação de máquinas técnicas podem desestabilizar e pôr à prova a desejável estabilização das formações sociais engendradas pela máquina desejante capitalista. Contudo Deleuze deixa claro que as máquinas técnicas são e podem não ser, ao mesmo tempo, máquinas desejantes.

² Diz Deleuze (2010), em sua obra “O anti-Édipo”: “por exemplo, no caso da máquina desejante capitalista, temos o encontro entre o capital e a força de trabalho, o capital como riqueza desterritorializada e a força de trabalho como trabalhador desterritorializado, temos duas séries independentes ou formas simples, cujo encontro aleatório não para de ser reproduzido no capitalismo.” (p. 531)

As máquinas técnicas são formações que atendem aos interesses constituídos e às forças hierarquizantes e de controle social desenvolvidos pelo corpo pleno do capital. Porém os fluxos desejanteres que movimentam essas máquinas são esquizos, ou seja, o desejo, como força não plenamente controlável, “*não para de reproduzir fatores aleatórios, as figuras menos prováveis e os encontros entre séries independentes na base desta sociedade*” (2010, p. 531). Interessa-nos discutir aqui a eventual força des e estruturante de formações coletivas e outras territorialidades urbanas, a partir dessas insólitas formações advindas de encontros improváveis.

MÁQUINAS DESEJANTES E AGENCIAMENTOS COLETIVOS

Dentre todas as máquinas que compõem a máquina capitalista e são inscritas nessa superfície de registro, as máquinas desejanteres ocupam um lugar central na discussão. Segundo Deleuze, é no corpo sem órgãos, no corpo pleno do capital, corpo de puro fluxo, que ocorre o processo de produção do desejo.

Para manter seu fluxo constante e garantir sua reprodução, o capitalismo é impelido a construir e determinar modelos de desejo. Porém, conforme Deleuze e Guattari, esses fluxos são, também, “fluxos esquizos” (os fluxos responsáveis pela construção de subjetividades domesticadas podem ser fluxos de quebra das significações engendradas por uma comunicação de massa e, por isso, responsáveis pela constituição de subjetividades singulares outras, em relação às subjetividades sujeitadas ao controle), que abrem a possibilidade de agenciamentos maquínicos que escapam às sobrecodificações e regulagens que o capital impõe às máquinas produtivas que se constituem e se engancham no corpo pleno do capital.

Rupturas, dissociações, desterritorializações de situações sobrecodificadas e reguladas pelo capital ocorreriam em virtude do devir esquizo dos fluxos, produzidos pelo próprio capital, responsáveis pelas produções desejanteres, e que passariam a ser “*fluxos descodificados, desterritorializados, que não operam somente por submissão à axiomática capitalista correspondente*” (2010, p. 498), mas capazes de recodificações e reterritorializações das territorialidades montadas pela máquina capitalista. Portanto fluxos esquizos não são desejáveis, apesar de a máquina capitalista sempre ter se utilizado deles para sua produção, daí sua ambivalência.

Haveria, então, a possibilidade de ocorrência de enunciações maquínicas feitas por agenciamentos coletivos [os agenciamentos coletivos de enunciação] que escapam às imposições dos agenciamentos da máquina capitalista e às subjetividades engendradas por estes. Estariam nesses agenciamentos coletivos de enunciação, a possibilidade da ocorrência de ações subversivas do desejo e o conseqüente surgimento de subjetividades imprevistas e criação de novos territórios ou territorialidades de vida.

Poder-se-ia pensar, assim, na construção e/ou fortalecimento de linhas de fuga, potencialmente produtoras de outras subjetividades [coletivas] irredutíveis ao controle centralizado e sobrecodificado do capital, a partir de fluxos que escapam ao poder da máquina capitalista de produção de subjetividades normalizadas e domesticadas?

³ Para Deleuze, por exemplo, a associação homem-cavalo-estribo configura uma máquina, uma micromáquina, expressão de força, velocidade, direção.

⁴ Na obra “Mil platôs capitalismo e esquizofrenia”, escrita em parceria com Felix Guattari, no volume 5, aparece um novo termo, em certo sentido, correlato da expressão “máquinas desejantes”, intitulado “máquinas de guerra”. Talvez por imaginar e vivenciar as dificuldades de entendimento do termo anterior, expressas em precipitadas interpretações (exemplo, o ataque sofrido pelo filósofo maoísta Alain Badiou), ou talvez por achar que já havia cumprido seu papel, Deleuze o abandona e passa a utilizar alguns outros termos para discorrer sobre o desejo como atividade de produção. “Máquinas de guerra” passam a ser os agenciamentos maquínicos experimentais, de resistência ao aparelho do Estado, potencialmente transgressores. A expressão é utilizada para uma discussão sobre a cultura urbana, seus fluxos nômades de alisamento territorial, e frágeis agenciamentos produtivos a partir de linhas de fuga que escapam da lógica dominante. Por entendermos que este termo está intimamente associado a certas ações periféricas e marginais na cidade, optou-se aqui pelo termo “máquinas residuais urbanas”

⁵ A conferência intitulada *La troisième*, de 1974, e publicada in *Lettres de l'EFP*. Paris: EFP, n. 16, nov. 1975, p.178-203, é um exemplo.

Reside, portanto, nesse processo de agenciamentos outros, a partir dos fluxos esquizos, residuais, a chance de “encontros” e alianças inusitadas entre diferentes máquinas, micromáquinas³ capazes de operar não mais por filiação a um poder central ou estratificações dominantes, mas de trabalhar em um regime de aliança, uma rede capaz de forjar outras realidades e sociabilidades.

AGENCIAMENTOS MAQUÍNICOS E MICROPOLÍTICAS TERRITORIAIS URBANAS

Segundo Guattari (1988), para manter sua reprodução, há a obrigatoriedade do capitalismo de constantemente construir e manipular modelos de desejos na sociedade, produzindo um “inconsciente maquínico” no sujeito individualizado.

Porém, como dito, a produção desse inconsciente se dá por fluxos esquizos que operam não mais no sujeito, mas em grupos sociais, abrindo, assim, a possibilidade de outros agenciamentos maquínicos, que podem escapar ao campo das subjetividades sociais programadas pelo capital. Agenciamentos maquínicos imprevistos (associações inusitadas de máquinas não complementares), enunciados por grupos-sujeitos diversos com objetivos múltiplos, ou microcoletividades, podem se transformar em práticas de micropolíticas capazes de maquinar microrrevoluções (“revoluções moleculares”, nas palavras de Deleuze), potencialmente produtoras de cortes e inscrições de outras realidades, na realidade estabelecida e formações sociais determinadas.

Levado para o campo da Arquitetura, poderíamos pensar em arquiteturas não mais como sedutoras máquinas de reforço de uma sociabilidade imposta e de aprimoramento, ordenamento e “apaziguamento” urbano, mas uma máquina que se constrói a partir das margens, dos fluxos residuais e de potencialização de sociabilidades não impostas ou engendradas por uma lógica dominante, mas de um estar-aí mundano e cotidiano.

GADGETS ARQUITETÔNICOS X MÁQUINAS RESIDUAIS URBANAS⁴

Se surgiram como geringonças ligadas à futilidade, dispositivos supérfluos, na contemporaneidade, os *gadgets*, objetos fetiche, se confundem com aparelhos tecnológicos de ponta, máquinas perfeitas.

Além de oferecerem um cardápio de utilidades prontas-para-uso, também são sinônimos de status social, quando surgem com o propósito de serem equipamentos seletivos, responsáveis por uma diferenciação social, pois, muitas vezes, são ostensivamente requintados e pouco acessíveis. Os *gadgets*, excessos tornados indispensáveis, são dispositivos que chegam para interferir na dinâmica de formação de subjetividades sociais.

Na segunda metade do século 20, o psicanalista francês Jacques Lacan passa a fazer uso, em suas conferências⁵ e obras, do termo *gadget*, para referir-se aos objetos de consumo produzidos e ofertados como se fossem “desejos”

produzidos pela lógica capitalista. Seriam desejos fabricados, controlados pela máquina desejante capitalista, se utilizarmos o raciocínio deleuziano.

Mas, para Lacan, esses objetos não são apenas ferramentas tecnológicas. Dentre esses objetos de consumo, diz Lacan, encontram-se os “sujeitos-mercadorias”, indivíduos sujeitados à lógica de construção de uma diferenciação social hierarquizante, que passam a investir suas energias em provar-se “consumíveis” ou “desejáveis” para o mercado, mesmo que descartáveis, com duração curta de utilidade. Percebe-se, claramente, a incorporação dos indivíduos como peças manipuladas pela máquina desejante capitalista.

Na ótica lacaniana, estes sujeitos-mercadoria não são mais sujeitos, ofertam-se ao consumo, como “objetos” consumíveis, por objetos de consumo. O trabalho do liame não está mais a serviço da constituição de laços sociais duradouros, coletividades ou microsociabilidades, mesmo que momentâneas, mas a serviço do aprisionamento de indivíduos no corpo pleno de uma sociedade sob a égide do desejo de ser consumível e de consumir. As parcerias devem ser conectadas e desconectadas como os *gadgets* tecnológicos do mundo da comunicação.

Podemos ler os *gadgets* também como uma demanda fabricada de novidade constante, e um sintoma da busca permanente pela sensação de satisfação através dessa novidade; novidades que estão longe de serem coisas novas, mas se apresentam como, em função das diferentes roupagens ou facilidades adicionais, concentradas no mesmo objeto, trazendo uma sensação de superação de limites. Mas que limites seriam esses ?

Percebe-se que há diferenças entre os conceitos de máquinas e *gadgets*, a partir das leituras que Deleuze e Lacan fazem desses termos, respectivamente. Como o fazem em relação aos indivíduos e a sociedade, também seria possível fazermos em relação à arquitetura urbana.

Como os pequenos *gadgets* tecnológicos universais que têm inundado e alterado o cotidiano dos homens, objetos excessivos, recheados de opções de uso, tornados funcionalmente indispensáveis para a lógica da máquina desejante capitalista contemporânea, arquiteturas têm surgido nas cidades como grandes e sedutores *gadgets* urbanos, úteis à lógica de investimentos “libidinais” em determinados territórios nas cidades; desejos construídos, impostos e manipulados pela máquina desejante capitalista.

Sem pátria, universais, esses *gadgets* arquitetônicos surgem como vistosos objetos na paisagem, prontos para serem usados e consumidos. Lugares amplamente abastecidos de opções programáticas diversas configuram-se como centros multifuncionais (todo *gadget* tem múltiplas funções), repletos de “peças” acopladas em seus corpos plenos; facilidades à disposição.

Estimulam e divertem os fluxos libidinais dos usuários, tudo previamente organizado e disciplinado, ao mesmo tempo em que fluxos desejantes alternativos são desestimulados, pois os agenciamentos programáticos e funcionais estão dados e ajustados por um roteiro previamente definido. O pronto-para-uso programático, ao mesmo tempo em que seduz e estimula artificiosas interações, dificulta a formação de fluxos esquizos. Povoados de interessantes dispositivos de entretenimento cultural, tornam-se lugares de ações coagidas.

Os liames entre as peças que compõem a máquina multifuncional são construídos *a priori*, a possibilidade de desprendimentos de pontas capazes de arranjos e associações sociais imprevistas quase inexistem; as agradáveis

sociabilidades montadas por uma série de dispositivos programáticos reduzem os usuários a consumidores ou servos do grande *gadget* arquitetônico, seja ele uma máquina-museu, máquina-centro cultural, empresarial, comercial, ou, dependendo do grau e característica do liame, uma máquina multifuncional, com todas essas máquinas independentemente reunidas.

Imensos territórios urbanos são povoados com esses *gadgets* em todo o mundo (o processo de reestruturação do bairro da Luz, em São Paulo, é um exemplo recente). Problema maior, imagina-se, muitas vezes, reorganizar e controlar os fluxos libidinais na cidade por intermédio desses sedutores *gadgets* arquitetônicos.

Vultosos investimentos libidinais do capital alteram e reorientam os fluxos libidinais coletivos. Problema menor seria, se essas ações não viessem acompanhadas de “*imperativos econômicos e políticos que se propõem concentrar potência ou controle nas mãos de uma classe dominante*” (DELEUZE, 2011, p. 527).

Poder-se-ia crer que a equação seria *apenas* essa. Mas, como nos diz Deleuze, os fluxos intensos de reprodução do capital são esquizos. Improváveis micromáquinas sociais alternativas, desarticuladas da cadeia produtiva dominante, podem emergir em tempos, sob o signo de amplas reestruturações urbanas combinadas ao entretenimento cultural e frenético consumo.

Academias de boxe, bibliotecas e lugares de recreação para crianças que vivem nas ruas sob viadutos fazem parte desses agenciamentos maquinicos alternativos; máquinas desejanças espontâneas, constitutivas de micropolíticas urbanas.

Liames programáticos e sociais podem ser construídos a partir dos potentes fluxos libidinais que surgem das sobras ou resíduos da lógica dominante. Inesperadas microssociabilidades urbanas e reterritorializações alternativas pontuais passam a constituir máquinas programáticas residuais urbanas, que podem

significar um corte ou desestabilização da lógica dos *gadgets* arquitetônicos, com seus programas prontos-para-uso e epifanias teatrais urbanas.



Foto: Bas Princen
Fonte: <http://www.dailytonic.com/urban-landscapes-photography-by-bas-princen/>

(DES) ARTICULAÇÕES OUTRAS

Exibida na 3ª. Bienal Internacional de Arquitetura de Roterdã, em 2009, a imagem ao lado, do mesmo ano, de uma área da cidade do Cairo chamada *Mokattan ridge* (ou Cidade lixo), do fotógrafo holandês Bas Princen, pouco revela sobre os vínculos sociais e as sociabilidades constituídas a partir de liames programáticos inusitados. Como as máquinas do artista Jean Tinguely, enredamentos aparentemente caóticos de

⁶ Termo cunhado a partir de Artaud, segundo Deleuze, o corpo é apenas o corpo, e não necessita de órgãos e tampouco é um organismo. Para ele, o organismo é inimigo do corpo. Inimigo porque o organismo organiza os órgãos funcionalmente, cada um tem seu lugar sujeitoado pela lógica de funcionamento, além de uma identidade, e deve cumprir um papel previamente estabelecido. O organismo, com seu conjunto de órgãos encadeados, irremediavelmente, disciplina os fluxos. O corpo sem órgãos, ao contrário, é puro fluxo, por isso, incerto e suscetível às variações de intensidade – fluxos esquizos. Mas, para tornar-se máquina de produção de desejos outros, o corpo sem órgãos depende dos órgãos – que seriam as micromáquinas. Os órgãos não teriam posição fixa e estável, assim, não disciplinam os fluxos, mas são atravessados por eles, redirecionando-os, ao mesmo tempo. Questão fundamental na teoria de Deleuze, as micromáquinas cortam os fluxos e ao mesmo tempo os emitem

⁷ E se passássemos a pensar o programa em arquitetura não mais como algo pronto-para-uso (uma listagem de funções), mas como montagem de uma situação a partir de articulação de “gramas”? Ou seja, uma articulação de “micromáquinas”, que podem ser de qualquer natureza, qualquer gênero, afinal, a força estaria nos inusitados liames, como as esculturas de Tinguely. As “micromáquinas”, ou gramas de um programa, seriam uma espécie de unidade de articulação, um elemento constitutivo de situações outras e não uma base de referência

micromáquinas diversas (talvez algo como associações dissociativas), o caos aparente esconde intencionais ações engendradas pelos próprios habitantes do local.

A aparente desordem camufla uma territorialidade construída à margem dos agenciamentos maquínicos oficiais engendrados pela máquina capitalista; Princen, em um olhar mais atento, descobriu uma potente máquina desejante construída pela coletividade. Paisagem de resíduos, sociais e arquitetônicos, a força do local não está na epifania visual ou no que está sendo ofertado como opções de uso, mas no processo de construção dos liames entre “máquinas” diversas já existentes no local.

Articulações impensadas entre “ferramentas” programáticas aparentemente incompatíveis e habitantes do local possibilitaram a constituição de uma inesperada macromáquina territorial e social, formada por múltiplas micromáquinas.

Princen ficou intrigado com a quantidade de lixo acumulado nas coberturas dos edifícios. Aproximando-se do local, descobriu que era uma ação deliberada. Os moradores levam o lixo residencial para as coberturas, para, assim, iniciar uma unidade produtiva [de reciclagem] vertical.

Da cobertura para o rés-do-chão, o lixo passa por uma triagem, é selecionado, embalado e descartado pelos próprios moradores, o que garante a produção de material comercializável e rentável. O descarte orgânico alimenta os porcos que circulam no térreo e que servem de alimento para os próprios moradores; enfim, um conjunto multifuncional formado a partir de um agenciamento de elementos díspares pertencentes ao local, deslocados de seus posicionamentos.

Uma outra realidade advém de dentro da realidade, a partir de deslocamentos e agenciamentos maquínicos de seus próprios elementos, e não a partir de usos impostos, de fora.

Enquanto os *gadgets* arquitetônicos globais, em sua maioria, operam com programas prontos-para-uso, condutores dos desejos (estimulando-os e reprimindo-os, tanto pelo controle dos fluxos, como pelas hierarquias programáticas e dos usos), aqui, as pessoas povoaram um suporte residual arquitetônico de micromáquinas. Antes um “corpo sem órgãos”⁶ em potencial, com o agenciamento das suas “ferramentas”, tornadas micromáquinas, passou a ser corpo de uma intensidade coletiva e produtora de uma outra realidade, irreduzível a sua situação anterior.

Isoladas, são apenas ferramentas em potencial; quando articuladas, transformam-se em micromáquinas compossíveis, como multiplicidades trabalhando em prol de uma macromáquina estruturante. O liame entre a micromáquina-lixo doméstico, micromáquina-edifício vertical, micromáquina-moradores, micromáquina-porcos constrói uma máquina técnica e social alternativa (o que poderia ser entendido como um programa⁷ arquitetônico-urbano), ao mesmo tempo, desejante, fruto de um desejo não imposto ou “fabricado” fora, mas advindo das forças internas, do próprios habitantes da área.

Segundo Deleuze, “há *compenetração, comunicação direta entre as pequenas máquinas dispersadas em toda a máquina* [neste caso, uma máquina residual] e *as pequenas formações disseminadas em todo organismo*” (2010, p. 377). Servindo-nos das expressões de Deleuze, tanto os seres vivos da máquina

modeladora ou reguladora das ações, como o programa é entendido. O pro-grama pronto-para-uso, conjunto de “gramas” encadeados segundo uma lógica histórica tida como natural, é uma idéia reguladora, pois já vem limitada por um sentido dado; o “grama” seria uma ferramenta, produzida por um corte na cadeia de sentidos dado pelo programa. Isolado da cadeia, teria um potencial associativo diverso, não previamente dado por um sentido *a priori*.

⁸ Não se trata de acreditar que a solução esteja nos movimentos espontâneos, ou um elogio a este e ao precário. Reconhe-se, apenas, em situações como essa do Cairo, a importância de um impulso vital não conduzido ou imposto, movido por um desejo de não aceitação social, concomitante à enunciação de outras coletividades e sociabilidades possíveis.

⁹ Simplificadamente, incorrendo em perigosos reducionismos, tentaremos explicar o conceito de *parergon*. A partir do conceito de *parerga*, presente em sua obra *Crítica do juízo*, Kant utiliza o exemplo de uma imagem de tulipa selvagem [a natureza, para Kant, parecia ser o ideal de beleza desinteressada e finalidade sem fim das coisas], para escrever uma nota sobre o papel da moldura [do quadro], associada a uma imagem artificial de tulipa, no que denomina uma *finalidade sem fim* do objeto. Para ele, a moldura era um *parerga*, que envolvia a imagem da tulipa, mas que permanecia como uma exterioridade. Derrida faz um questionamento da visão kantiana do conceito de

molar (macromáquina social, técnica ou territorial), como as máquinas moleculares [micromáquinas específicas], presentes em cada ser animado e inanimado, interagem em um agenciamento coletivo de uma sociabilidade não sujeitada à lógica que conduz a construção dos sedutores e imagéticos “centros produtivos” urbanos da contemporaneidade.

“*As sociedades modernas civilizadas definem-se por processos de descodificação e de desterritorialização*”, diz Deleuze. Os grandes centros multifuncionais produtivos (que aliam negócios, lazer e cultura), que povoam as grandes cidades do mundo, confirmam essa afirmação. Imensos complexos de serviços ensimesmados, *prêt-à-porter* e globais, isolam-se em aparentes idealidades artificiais de uso e convívio.

Contudo existem as neoterritorialidades que se formam *quase* espontaneamente⁸, no próprio fluxo dos movimentos de des e reterritorializações urbanas oficiais promovidas pelos interesses dominantes. Neoterritorialidades e sociabilidades “marginais”, ambas espontâneas (conduzidas por um elã vital interno), surgem como o avesso de um processo inevitável de permanente transformação dos cenários urbanos, força motriz de reprodução da máquina desejante capitalista.

Talvez esteja no processo de insubordinação e deslocamento de latentes micromáquinas (o programa em arquitetura) locais e agenciamentos maquínico/programáticos de máquinas técnicas e sociais alternativas, a partir de liames entre as micromáquinas, a possibilidade de outro caminho para a cidade e suas “novas” territorialidades.

O que implicaria não mais em uma arquitetura de *gadgets* urbanos, recheados de usos condicionados *a priori* e conduzidos por fluxos inibidores, mas suportes arquitetônicos concebidos a partir de ferramentas tornadas micromáquinas territoriais, produtoras de outras dinâmicas; maquinações de subversão do instituído, e irrupção de outras sociabilidades. Desprender pontas nas cadeias montadas pela máquina dominante e, a partir daí, construir possíveis linhas de abolição em relação à lógica imposta, de maneira “frágil” o suficiente, para que os fluxos não sejam apenas recondicionados.

A possibilidade de fluxos desestabilizadores de deslocamento das fronteiras e ordem impostas está no processo de identificação e desconexão de pontos com potencial desterritorializante e, a partir daí, agenciamentos de micromáquinas programáticas (microdinâmicas) no território, capazes de encadeamentos outros; micromultiplicidades díspares, disjuntivas e, ao mesmo tempo, potencialmente associativas.

O PERIGOSO SUPLEMENTO

Para o filósofo Jacques Derrida, o suplemento é algo que chega de fora e que se torna um dentro, atuando como algo desnecessário, algo além do necessário, mas que se torna parte integrante, pois é o mesmo. O suplemento se junta a algo e é, ao mesmo tempo, um outro, por isso, perigoso; o suplemento, ao mesmo tempo que é um outro além do necessário, ele se funde de tal modo, que se torna impossível dissociá-lo. Ele supre, ao mesmo tempo em que altera a estrutura: um *parergon*⁹, algo além do *ergon*. do marco, da estrutura principal,

parergon e seu papel na obra de arte [na arquitetura, escultura ou na pintura], no livro *La vérité en peinture*, centrando-se principalmente nos possíveis entendimentos do termo *sem*, presente na expressão *finalidade sem fim*. O que seria este *sem*, que não é uma falta de algo, pergunta-se Derrida. A partir da ideia de algo que seria uma separação mal-separada [*parergon*], Derrida faz uma profunda e longa discussão sobre o papel daquilo que parece estar quase-separado do *ergon*, da estrutura principal da obra, mas, ao mesmo tempo, parece fazer parte da estrutura interna da obra. O *parergon* seria uma exterioridade que não é simplesmente um excedente, mas algo que assinalaria uma falta no *ergon*. Então, o *parergon*, o além da obra, o suplemento, seria um marco que, “ao mesmo tempo em que se destaca da obra [*ergon*] como uma forma, seria uma forma que tem por determinação tradicional não destacar-se, mas desaparecer, fundir-se, borrar-se, no momento que libera sua maior energia” (p.72). Porém há sempre o risco de o *parergon* (o fora-dentro da obra) transformar-se em simples adição exterior, o que o torna um adorno. Para não ser apenas um apêndice, um adorno, a “beleza” do *parergon* talvez esteja em sua aderência, em sua capacidade de fundir-se à obra e ao meio, o que nos leva à discussão sobre as máquinas residuais que emergem do local, e os *gadgets* como estruturas que vêm de fora.



Engrenagem suplementar piscina pública – uma micromáquina de socialização local na favela Morro dos Macacos – Rio de Janeiro. Foto: Guilherme Pinto
Fonte: http://noticias.uol.com.br/album/101017_album.jhtm#fotoNav=23

mas que a altera perigosamente, pois se funde a ela, tornando quase impossível discernir entre o principal e o secundário, entre o que parece ser dominante e o que parece ser residual. Um paralelo pode ser feito entre o conceito maquínico de Deleuze e o suplemento de Derrida.

Como dito, as máquinas residuais, resultado dos fluxos esquizos, são máquinas que se constituem a partir daquilo que escapa à lógica da máquina capitalista dominante. Suplementos, *parergon*, essas máquinas residuais, apesar de serem frutos da articulação de engrenagens que são produzidas pela máquina dominante, tornam-se algo que vem de fora e se juntam a essa máquina, ameaçando-a como micropolíticas e microsociabilidades, ao mesmo tempo autônomas e dependentes da macromáquina – do *socius* –, capazes de se fundir a ela e contaminá-la.

A noção de que algo dominante produz, inexoravelmente, resíduos, descartes, que, desde o início, já podem estar lá atuando como perigosos suplementos da própria estrutura dominante que os produz, pode ser a chance do porvir outro da própria máquina dominante.

Articular engrenagens residuais como máquinas residuais com potencial suplementar, ou seja, máquinas com uma capacidade de, ao mesmo tempo, suprir e alterar lógicas e dinâmicas dominantes, pode ser a possibilidade da emergência de sociabilidades outras dentro do próprio *socius*.

O que vem de fora como inteiramente outro a serviço do mesmo, como diferença superficial, pode dar lugar ao outro que apoia e suplementa ao mesmo tempo [como a piscina, um paradoxal suporte suplementar, uma infraestrutura suplementar].

O suporte suplementar surge como algo entre, que se junta a alguma coisa como um “de fora”, mas *quase* já dentro da máquina e, por isso, já fundido e amalgamado a ela, como uma presença que a ameaça como sendo um outro com potencial imprevisível, por isso, perigoso para a lógica imposta prevalente.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010. 560 p.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004. 185 p.
- DERRIDA, Jacques. *La verdad en pintura*. Buenos Aires: Paidós, 2001. 396 p. Título original: La verité em peinture.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Félix Guattari*: Biografia Cruzada. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010. 440 p.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. 327 p.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 1992. 203 p.
- SERGEANT, Philippe. *Deleuze, Derrida: Du danger de penser*. Paris: Éditions de La Différence, 2009. 188 p.

Nota do Editor

Data de submissão: Março 2012

Aprovação: Julho 2012

Igor Guatelli

Professor FAU-Mackenzie e Universidade Paulista (Unip). Doutor pela FFLCH-USP e pós-doutor pelo Gerphau-Ensa Paris-La Villette, onde é pesquisador associado e professor colaborador.

Rua João Moura, 870, apto. 202, Pinheiros

05412-002 – São Paulo, SP

(11) 991477441 – (11) 3081-2143

igorguat@uol.com.br